



Cai a ficha?

NOVA YORK - O ritmo de crescimento da maior economia da zona do euro, a da Alemanha, pode ter voltado à estaca zero no último trimestre de 2009. Nos EUA, que devem ter "rodado" acima de 5% ao ano entre outubro e dezembro passados, é impossível que esse ritmo se sustente daqui em diante.

No Japão, expectativa de desempenho é medíocre. E pontuado pela falência da JAL (Japan Airlines), maior companhia aeroviária da Ásia (com previsão de 15,6 mil demissões).

Nas economias ditas maduras, o quadro é esse. Nova desaceleração após a recomposição de estoques nos três meses finais de 2009. Quando a indústria ganhou novo fôlego com pedidos de um comércio que rodava "no osso" em termos de inventários desde o colapso do banco Lehman Brothers, em 15 de setembro de 2008 (no início da chamada Grande Recessão).

A forte queda da Bolsa de Valores de Nova York nos últimos pregões foi atribuída a fatores pontuais e políticos.

Obama perdeu na semana passada a sua maioria a prova de obstruções no Senado e endureceu (em tom mais populista) contra os bancos. Quer tirar deles quase US\$ 100 bilhões para pagar pelo resgate de 2008.

Isso teria deprimido as ações de empresas do setor financeiro e rebocado todo o mercado para baixo. Parece explicação simplista demais.

Aos poucos, é possível que a ficha no mundo desenvolvido, em especial nos EUA, esteja caindo depois da enxurrada de mais de US\$ 2 trilhões que o Fed (o BC dos EUA) colocou no mercado para tentar aplacar esta crise.

Esse dinheiro todo não encontrou razão ou demanda para ir em direção à produção ou a investimentos em um mercado recessivo. Acabou inflando nova "bolha" no mercado de ações, que volta a murchar (nas economias desenvolvidas) diante de resultados medíocres no mundo real. Da produção e do emprego.

É fundamental lembrar como esta crise começou: com os calotes de pessoas que assumiram financiamentos imobiliários que não podiam pagar. Esses mesmos financiamentos foram empacotados em títulos vendidos ao redor do mundo (cuja remuneração eram as prestações que os mutuários deixaram de honrar).

Isso produziu rombos bilionários nos bancos, que tiveram de ser cobertos com bilhões de dólares em dinheiro estatal para evitar o "derretimento" do sistema financeiro global. Acuados e no vermelho, esses mesmos bancos deixaram de emprestar às famílias. Elas, por sua vez, deixaram de consumir. Nos EUA, 70% do crescimento do PIB depende do consumo.

O governo Obama lançou em meados do ano passado plano onde pretendia modificar cerca de 9 milhões de financiamentos imobiliários até 2012 para evitar 1) que mais americanos percam seus imóveis e 2) que o rombo dos bancos aumente ainda mais.

O resultado é pífio.

Após o programa, menos de 67 mil financiamentos foram modificados com sucesso até agora. A estimativa é que mais de 2,4 milhões de mutuários percam suas casas em 2010. Isso em cima de 2,8 milhões despejados em 2009.

O desemprego nos EUA envolve hoje 15,3 milhões de pessoas. Trata-se de 10% da PEA (População Economicamente Ativa). E poderia ser significativamente maior se o "desalento" de pessoas que desistiram de procurar trabalho não fosse recorde. Assim como é recorde o total dos que procuram uma ocupação há mais de seis meses.

Por isso, o que é certo: haverá capital e investimentos de sobra no mundo (por um bom período) atrás de oportunidades em países emergentes como o Brasil.

Saberemos aproveitar? Ou vamos agir, em nível global, a exemplo de "ex-primos pobres" na Europa como Irlanda e Grécia?

São hoje dois dos países virtualmente quebrados (entre outros) por terem dado passos maiores do que as pernas.